

A *IMBONDEIRO* NO BRASIL

Leonel Cosme

Período de recebimento dos textos: 04/08/2014 a 31/10/2014

Data de aceite: 10/11/2014

Resumo: A propósito do centenário do nascimento do escritor português Garibaldi de Andrade e sua acção em Angola como co-fundador, com Leonel Cosme, da Editora *IMBONDEIRO*, faz-se um breve memorial do papel que esta representou, entre 1960 e 1964, no estreitamento das relações culturais entre Angola e Brasil através dos escritores de ambos os países por ela divulgados.

Palavras-chave: Imbondeiro-Angola-Brasil

Abstract: Concerning the centenary of the Portuguese writer Garibaldi de Andrade and his action in Angola as founder of *IMBONDEIRO* Publishing House, along with Leonel Cosme, a brief memorial has been presented about the role that he played, between 1960 and 1964 in the approaching of cultural relations between Angola and Brazil through writers of both countries it revealed.

Keywords: Imbondeiro; Angola; Brazil

Neste Novembro em curso, quando na pequena mas histórica cidade alentejana de Ponte de Sor a sua Câmara Municipal promove, ainda que singela e despretensiosamente, a comemoração do centenário do nascimento de um seu filho ilustre chamado Garibaldino de Andrade, ali nascido a 8 de Novembro de 1914, dois pensamentos me sensibilizam: o primeiro, gerado numa constatação pessoal, o da modéstia de Garibaldino e o seu assumido distanciamento de reuniões, colóquios ou seminários em que o resultado da repetição de temas e matérias consabidas não passava de uma moenda para consumo próprio.

O segundo pensamento, concomitantemente, de dois homens tão distantes no tempo como na geografia: um francês, Blaise Pascal, outro brasileiro, Mário de Andrade.

Disse Pascal:

Somos tão vaidosos que quiséramos ser conhecidos em todo o mundo e também pelos que hão de viver quando nós já não vivermos. E somos tão vãos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos rodeiam nos distrai e contenta.

Disse Andrade, respigado de “*O valioso tempo dos maduros*“:

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para a frente do que já vivi até agora. Tenho mais passado do que futuro. Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflamados. Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos. Quero a essência, minha alma tem pressa. Caminhar perto das coisas e pessoas de verdade. O essencial faz a vida valer a pena. E para mim basta o essencial

Conjunção assinalável: Mário morreu em 1945, com 52 anos; Garibaldino em 1970, com 56. O que me induz, como em jeito de *provérbio*

para uso pessoal, a concluir perante aquele insólito dualismo: **há só uma espécie de homens que fazem falta: são os que acrescentam algo de novo ao que já temos ou sabemos.**

Mas fixemo-nos agora em Garibaldi de Andrade, pois é ele o centro deste artigo, que deve valer como um memorial celebrativo de quem, a brincar, dizia não passar dos 55 anos, e a sério, que contava escrever ainda um romance africano com o título de “UFUCO, A NOITE”, quando o esforço que “Imbondeiro” lhe exigia fosse menos absorvente.

Acompanhado da mulher e alguns filhos menores, Garibaldi saiu do Alentejo para o sul de Angola em 1953, para ser professor do ensino primário na escola de uma aldeia do concelho do Lubango, chamada Palanca. A sua tarefa de “professor de meninos” – como ele próprio se designava – durou ali cerca de três anos, até ser transferido para a cidade próxima de Sá da Bandeira, onde nos conhecemos em 1957. Diga-se que pelas pessoas cultas da terra já era conhecido o seu nome de escritor marcante no romance neo-realista, a par de outros de nomeada internacional, com exposição nas livrarias da cidade.

Do nosso convívio nasceu a ideia de criar uma editora que adoptaria o nome icónico de **Imbondeiro**, árvore mítica em Angola que, pela sua presença em todo o território, longevidade, tamanho e aplicações diversas, alimentares e medicinais, serviria como símbolo do projecto em vista. Mas deixemos falar os documentos...

No primeiro caderno de uma inicial “Colecção Imbondeiro”, saído em Janeiro de 1960, e que começa justamente com um conto de Garibaldi intitulado *O Tesouro* (que é a primícia da sua “reconversão” ficcional angolana), lê-se no **Propósito** da novel editora:

Duas razões nos levaram a lançar esta colecção: a necessidade de dar a conhecer ao público português os valores ultramarinos que se

espalham pelos cantos do mundo onde se fala a língua lusíada, desde a Guiné até Macau, e o direito, que se impõe, de os manifestar conjuntamente à luz duma consciência nacional que não pode deixar de reconhecer, nos caprichosos tons da grande aguarela lusitana, um curioso tema de interesses recíprocos, solicitados por anseios de espírito ou por afinidades de cultura tradicional.

Não se passará, imediatamente, duma tentativa em moldes simples (tão dependente de variados factores), traduzida em trabalho breve, mas responsável, como é o conto: explica-a, de resto, esta forma primária da Literatura, que, seja em Angola como em Moçambique, não possui, por ora, arcaboço adulto, com recursos igualáveis aos de uma terra de antiga existência literária.

Mas, dentro da estreiteza das possibilidades, será nosso intuito cumprir a tarefa com o melhor aproveitamento dos muitos valores esparsos, maiores ou menores, que ainda hibernam – na espreita duma aurora que cesse a já longa escuridão – à sombra dos braços clamorosos dum velhíssimo imbondeiro...

Mais depressa do que fora imaginado, a Colecção, já com a tiragem de 1.500 exemplares suportada por largas dezenas de assinantes, e graças às referências que lhe foram feitas nos órgãos de comunicação de todo o mundo de língua portuguesa, chegou ao Brasil, logo através do jornal “O Estado de S. Paulo”, por acção do jornalista e escritor João Alves das Neves. E com tal receptividade por parte de gente das letras, que a editora se viu impelida a dedicar aos leitores brasileiros uma secção – ANGOLA-BRASIL – que começou, ainda em 1960, com o conto de Lygia Fagundes Telles, *As Pérolas*, constituindo o caderno nº12 da “Colecção Imbondeiro”, que se inaugura com esta introdução:

Fiel ao seu programa, **IMBONDEIRO** tem hoje o orgulho de apresentar o primeiro número da prometida série **ANGOLA-BRASIL**.

O largo fosso do Atlântico separa-nos do país irmão. Tão íntimas que foram, durante séculos, as relações entre Angola e o Brasil, elas estão hoje, praticamente, reduzidas a zero. Angola povoou o Brasil com a sua gente, do Brasil veio o libertador de Angola. Depois, silêncio.

É certo que, de quando em vez, um homem de letras de lá nos visita de fugida, profere umas afirmações simpáticas – e desaparece. De Angola, quem vai ao Brasil? – Oh, isso é tão longe, quase outro mundo... Vão lá os metropolitanos. Homens de negócios, jornalistas, escritores, políticos, volta e meia dão uma saltada ao Rio, atiram umas frases de segundo efeito – e somem-se.

É tempo, parece-nos, de conhecer o Brasil e de ele nos conhecer. É tempo de pôr de parte o palavreado vazio e de entrar no domínio das coisas concretas: correntes de negócios, intercâmbio de estudantes, visitas de técnicos, de catedráticos, de escritores. Livros divulgados cá e lá. Experiências fecundas expostas lá e aqui. Provar, em suma, por todas as formas, que de facto somos irmãos.

IMBONDEIRO vai contribuir, dentro da modéstia dos seus recursos, para que desapareça o fosso, revelando alguns dos valores literários mais válidos do Brasil de hoje.

Outros autores brasileiros se seguiram, participando quer nos cadernos mensais da “Coleção Imbondeiro”, quer noutras que lhe sucederam para acolher os numerosos prosadores e poetas que aderiram à iniciativa – como a “Coleção Mákuá” (o fruto da mítica árvore), a “Coleção Dendela” (a flor da árvore), e por último, a antologia “Imbondeiro Gigante”, já mais selectiva.

Após a publicação, em 1962, do caderno constituído por três contos de Reinaldo Castro, o “Jornal do Dia” insere uma judiciosa recensão do jornalista e historiador brasileiro Walter Spalding àquele trabalho e a outros publicados, salientando:

...Os orientadores e directores da “Colecção Imbondeiro” e sua editora, srs. Garibaldino de Andrade e Leonel Cosme, bem merecem do mundo culto os maiores encómios por tão significativa obra que, oxalá, prossiga e não seja atingida pelo jacobinismo impenitente de certos “críticos” esclavagistas e pouco sensíveis, ou melhor, pouco acessíveis à verdadeira cultura.

Angola está de parabéns com a “Imbondeiro” e Portugal também, pois muito bem sei que seus verdadeiros intelectuais estão à altura de compreender o quanto de beleza, cultura e arte encerra a obra moderna dos escritores angolanos.

Entretanto, mais autores brasileiros aderiram ao projecto: Jorge Medauar, António d’Elia, Guido Wilmar Sassi, Lindolf Bell, Walmira Ayala, Helle Alves e Jonas Negalha. Este último com uma participação excepcional: antologador de 14 grandes poetas do mundo, preenchendo o último número da MÁKUA 5|6, saído em 1964. Foram eles, por ordem alfabética, Attila Jozsef, Bertolt Brecht, Elias Simopoulos, Eugen Jebeleanu, Fernando Pessoa, Gaston-Henry Aufrère, Giuseppe Ungaretti, Guillaume Apollinaire, Jiri Wolker, Langston Hughes, Pablo Neruda, Rafael Alberti, Thomas Stearns Eliot e Vladimir Maiakovski.

...Assim, a “Colecção Mákuá” será, literalmente, uma iniciativa única no mundo – considera Negalha, num longo e judicioso prefácio em que defende a continuação do seu trabalho, juntando outros grandes poetas da humanidade aos agora seleccionados.-Conhecer, em língua portuguesa, os

grandes poetas do mundo, é uma oportunidade fora de comum. À editora “Imbondeiro” vão os agradecimentos de todos os que, por muito humanos, amam a poesia, porque a poesia é necessária ao homem como o pão de cada dia. Aqui fica também minha gratidão aos excelentes poetas brasileiros, tradutores de poesia, Rolando Roque da Silva e Domingos Carvalho da Silva pela ajuda que me dispensaram na elaboração desta antologia.

Não se estranhe, hoje, que entre aqueles grandes poetas não apareça o nome de Agostinho Neto. Embora já incluído nos cadernos, logo à frente numa primeira antologia de poetas angolanos, a internacionalização do seu nome como poeta maior só se verificou, em língua portuguesa, alguns anos depois, com a publicação do seu livro *Sagrada Esperança*. Quando Negalha elaborou a antologia da MÁKUA, em 1964, Agostinho Neto e outros poetas e contistas notáveis como António Jacinto, Luandino Vieira, António Cardoso ou Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), entre outros proscritos do Regime colonial-fascista, estavam a cumprir penas de desterro ou de prisão maior, em cadeias políticas ou campos de concentração, por alegados crimes contra a segurança do Estado...

À *vol d’oiseau*, registre-se que estando Luandino Vieira preso às ordens da polícia política, em Luanda, com outros camaradas afectos ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), em finais de 1963, foi-lhe conferido o Prémio Mota Veiga pela Sociedade Cultural de Angola pelo seu livro *LUUANDA*; e logo a seguir, em 1964, transferido para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde iria cumprir mais 8 anos de prisão, a Sociedade Portuguesa de Escritores conferia-lhe o Prémio de Novelística.

Em consequência, as duas Sociedade foram extintas pelo poder político. E a editora IMBONDEIRO não ficaria incólume: em Dezembro de

1964, publicada a MÁKUA 5/6 e estando a imprimir um novo conto de Luandino Vieira , que preencheria o caderno nº69 projectado para Janeiro de 1965, a polícia política do Governo, PIDE/DGS, invade o escritório da editora, apreende toda a documentação e os exemplares da MÁKUA nº5/6 sobrantes da expedição já feita para assinantes e algumas livrarias e, na tipografia, apropria-se das primeiras impressões do papel e do chumbo da composição.

Faz agora 50 anos... Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto vai realizar-se um colóquio de homenagem ao autor de *LUUANDA*, há anos radicado em Vila Nova de Cerveira, no norte de Portugal. São participantes alguns universitários de nomeada, portugueses e brasileiros, como Laura Padilha e Tânia Macedo, especialistas em literatura africana de língua portuguesa.

É, pois, um duplo cinquentenário: o do sucesso de *LUUANDA* e do seu autor, merecidamente já consagrado a vários títulos, e o da extinção violenta da *IMBONDEIRO*. Alguém se lembrará da dupla efeméride? Pese embora uma declaração de interesse, espero que sim.

Referências

Cultura e Revolução em Angola- ed,Afrontamento, Porto, 1978.

Agostinho Neto e o seu Tempo- ed. Campo das Letras, Porto, 2004.